

Projeto Trabalho e Identidade

Transcrição de entrevista. ETI 04

Entrevista com Maria da Conceição Felipe de Andrade.

Realizada no dia 22/11/2004.

Local da Entrevista: Rua das Laranjeiras, 314. Ap. 106. Bloco A. (Local de trabalho da entrevistada)

Entrevistador: Érico Silva Alves Muniz.

Duração aproximada: 40 minutos.

Observações:

- 1) Serão utilizados as iniciais **E.**, para designar falas do entrevistador **Érico** e **M.C.** para as falas da entrevistada **Maria da Conceição**.
- 2) Expressões entre parênteses com interrogação no final indicam dúvida na transcrição.
- 3) Os colchetes explicativos são para situar expressões como risos, interrupções na gravação ou barulhos ao fundo.
- 4) Quando houver entre colchetes um travessão significa que a outra parte que não a que falava no momento, falou algo.

LADO A

[PREENCHIMENTO DA FICHA DE ENTREVISTA]

E. - Bom, seu nome...

M.C. - Maria da Conceição Felipe de Andrade

E. - E o seu endereço?

M.C. - Rua das Laranjeiras, 214, ap 106, bloco A.

E. - Data de nascimento.

M.C. - 8 de dezembro de 1963.

E. - E o local? Que cô nasceu...

M.C. - Estado da Paraíba, Queimadas

E. - Queimadas? É cidade?

M.C. - É.

E. - Cô ta estudando?

M.C. – Estou.

E. - Você é solteira? Casada? [- **Solteira!**] Separada?

M.C. - Solteira.

E. - Tem quantos filhos?

M.C. – 4.

E. - É, quantos homens e ...

M.C. - Um homem, são três mulheres e um homem.

E. - Eles trabalham? Algum deles...

M.C. - Não, só a mais velha..

E. - Sua atual profissão?

M.C. - Minha profissão é doméstica.

[PARADA PARA CONFERIR A GRAVAÇÃO]

E. - Conceição, você ta há quantos anos aqui no Rio?

M.C. - 4 anos.

E. - E desde que você chegou você já teve quais atividades aqui?

M.C. - Eu já trabalhei num restaurante de faxineira, e agora estou trabalhando de doméstica.

E. - Lá, como faxineira, você fazia exatamente o que?

M.C. - Eu limpava o restaurante, eu lavava os banheiros os banheiros...

E. - E era, era uma equipe grande? [-**Não**] Era um restaurante pequeno?

M.C. - Restaurante grande, mas a equipe de faxineira só era duas. Só era uma manhã e outra à noite.

E. - Você pegava de manhã de noite?

M.C. - Não começava às 5 da tarde, ia até 1 e meia duas da manhã.

E. - E era pesado o trabalho lá então, ou não?

M.C. - É pesado, muito cansativo, o motivo que eu sai de lá foi esse.

E. - Grande? Era grande o restaurante?

M.C. - É grande, o restaurante é grande. São um embaixo, salão enorme embaixo, e outro em cima.

E. - E aí cada horário tem duas pessoas pra...

M.C. - Não, cada horário é só uma pessoa. De 8 da manhã às 5 da tarde é só uma faxineira e de 5 da tarde até uma, uma e meia duas da manhã, é só uma, e no caso, era eu.

E. - E... agora você tá aqui?

M.C. - Agora eu tô aqui...

E. - Tem o que?

M.C. - 2 anos, 2 anos e uns 3, 4 meses.

E. - E aqui seu trabalho ..., é o que?

M.C. - Aqui meu trabalho é limpar, e cozinhar, lavar, passar... **[PESSOAS FALANDO AO FUNDO, DISTANTE]**

E. - E como é que, é... melhor que lá, mais agradável?

M.C. - Aqui é melhor, bem melhor. Aqui, aqui eu tenho tempo pra estudar, tenho tempo pra fazer meus dever. Tem o fim de semana que, no restaurante a gente não tem. Aqui eu tenho o fim de semana pra ficar com a minha família, com a minha neta.

E. - Durante a semana você fica no emprego?

M.C. - É durante a semana no emprego, agora no fim de semana não.

E. - Como você definiria a sua profissão? O que que você acha dela?

M.C. - Ahn, eu acho que é uma profissão..., é boa, é bom. **[Risos]**

E. - E como você chegou aqui nesse emprego?

M.C. - Eu cheguei porque a minha mãe que trabalhava aqui, ali ela decidiu que não queria mais trabalhar, aí ela perguntou se eu queria ficar no lugar dela. Aí eu vim aqui falei, com a patroa, com a minha patroa que era da minha mãe, aí ela falou que se eu quisesse eu podia ficar no lugar dela, até hoje eu estou aqui.

E. - E como você acha que tá hoje a situação de emprego, aqui?

M.C. - Eu acho que tá ruim. Tá ruim porque o que eu vejo de gente atrás de emprego quando eu vou assim pra cada da minha filha, do meu irmão, o que tem de gente assim me perguntando se eu não conheço alguém que queria uma faxina que queira um, é uma pessoa pra passar pelo menos roupa, um alguém que queria assim, que seja precisando de um acompanhante, muito gente. E eu falo olha infelizmente eu não conheço ninguém, e elas pedem pra mim, né? Pra eu falar com os menino que trabalha, com os porteiros, tanto às vezes tem umas que me pede até pra, pelo amor de Deus. Que eu faça essa caridade porque ela tá precisando muito e não consegue arrumar nem sequer arrumar uma faxina. Então eu acho que tá, ah....

E. - Ah, seu cunhado, sua irmã? É cunhado e irmã né?

M.C. - É quando eu vou pra casa do meu cunhado, ou senão da minha, da minha, do meu irmão, eles mora na Pedra **[de Guaratiba, região do Rio de Janeiro]**. Aí as pessoas que mora lá perto dele aí pergunta, não nem meu irmão, nem minha cunhada não, meu irmão ele trabalha e a minha cunhada também, é são umas vizinhas lá que eu conheço.

E. - Qual seria a profissão dos seus sonhos? Assim...

M.C. - A profissão dos meus sonhos seria ser professora ou costureira.

E. - E você sabe costurar?

M.C. - Não. Só o básico **[Risos]**.

E. - Ah, costura de reparo, assim...

M.C. - Isso, é.

E. - Pros seus filhos o que você espera?

M.C. - Ah, pros meus filhos eu espero tudo de bom pra eles, é tudo que eu quero...que eles aprendam uma profissão ..., que arrume não vou dizer assim um bom trabalho, mas um trabalho né digno. Falaram assim no termo eu acho que todo trabalho é digno, diferente do meu. Eu quero que minha filha trabalhe assim no caixa, numa loja é é, eu não sei falar muito bem aquela recepcionista..., ai meu Deus. **[- Recepcionista]**. Isso pronto, eu não, tem palavras que eu não consigo falar, infelizmente. É de família... **[OS DOIS RIEM]**. É isso que eu quero pras minhas filhas.

E. - Elas têm que idade mesmo?

M.C. - A mais velha tem 20 anos, a outra tem 18, o garoto tem 15 e a mais nova tem 13 anos.

E. - Tirando a mais velha por enquanto eles só estudam?

M.C. - Só estuda.

E. - Você considera que o seu trabalho, a sua profissão é valorizado pelas pessoas?

M.C. - Eu acho que sim, não tenho muita experiência não, mas eu acho que é uma profissão que as pessoas dão valor, né?

E. - Cê falou que espera pros seus filhos um trabalho digno. O que que é trabalho digno?

M.C. - É um melhor, um trabalho um trabalho melhor. Não vou dizer que o trabalho de doméstica é um trabalho ruim, mas eu acho assim que quem trabalha assim numa firma, num restaurante é um trabalho assim melhor que talvez ganhe mais, é um trabalho que você tem mais direito, entendeu? É porque quem trabalha numa firma, é... minha filha trabalha numa firma, eu trabalho de doméstica, eu não vou ter os mesmos direitos que a minha filha tem. Aí é isso que eu quero pra minha filha eu não quero que minhas filha vá trabalhar de faxineira num restaurante e não queria que elas trabalhasse de doméstica.

E. - Por causa dos direitos?

M.C. - É, por causa dos direitos.

E. - E você seu sistema de trabalho é..., você, sua carteira é assinada?

M.C. - Tenho, minha carteira é assinada! Assim que eu cheguei aqui acho que com 8, 15 dias ela já assinou minha carteira.

E. - E lá no restaurante era também?

M.C. - Não lá no restaurante eles não assinaram a minha carteira.

E. - Cê ficou lá quanto tempo?

M.C. - Mais de ano.

E. - E era só você que não era assinada ou...?

M.C. - Só, não eu e a outra menina que trabalha comigo, ela também não tinha carteira assinada. Tudim tinha, porque você sabe num restaurante tem cozinheiro, tem garçom, tem maitre, aquele que rala...pizzaolo, que não sei se é esse nome mesmo [- É], quer dizer todos com carteira assinada, menos a faxineira que não tinha. Às vezes eu até falava, aí ele não, já vou assinar, depois você lembre que eu vou mandar você trazer, mas aí...

E. - Nada.

M. C. - Nada, nada. **[Risos]**

E. - Antes de você chegar no Rio, cê, quais foram as outras coisas que você já fez?

M. C. - Antes deu chegar no rio. **[- É porque no Rio foi...]** É antes deu chegar no Rio eu trabalhei na agricultura. Eu já trabalhei em telha, tijolo, corda. Eu não sei nem se você conhece, lá a gente conhece esse material, essa planta por agave, outros conhece por cisal. É uma planta que a gente, ela tem um preparo, ela tem uma fibra branca, então daquele você faz assim, você faz vassoura pra varrer casa, você faz pra espanar os móveis, você faz corda pra amarrar os animais, então trabalhei nisso.

E. - Isso é agave ou cisal, é isso?

M. C. - É, lá, a gente conhece por agave outros conhece por cisal, que é o mesmo. Tem outro também que é chamado caroá, que eu não sei como vocês conhece **[Risos]**. Sinto muito, mas eu só conheço por esse nome.

E. - Mas isso é o nome da corda ou da planta?

M. C. - É da planta. A corda é corda mesmo **[Risos]**. Aqui quem vai ali na feira da São Cristóvão tem muito vassoura e espanador, né? Pra espanar pra espanar os móveis, e é feito dessa planta que eu to falando.

E. - É uma árvore, é rasteira?

M. C. - Não. Ela é assim ela é...uma planta assim ela é comprida, uma folha larga. Aí dá só aquela folha assim cumprida. Tipo assim um pé de ..., eu vou lhe explicar pra você, tá difícil. Cê conhece a..., é cê conhece o que é pipa? **[- Pipa? Também não]** Nem agave, né? **[- Pipa eu nem tinha ouvido]** Então fica difícil eu explicar pra você o que é que significa essa planta.

E. - Mas é uma planta?

M. C. - É, ela é uma planta, ela não é, não é, não tem..., ela tem espinho do lado, espinho na ponta. Ela assim, tipo assim um, é uma folha, quando ela brota assim aquela fechada, tipo assim um pé de, de... de couve pronto, não é? Só que o pé de couve ele coloca um monte de folhinha, não é mesmo? Então também ele vai crescendo com aquele monte de folha, cumprida assim **[- Ahn]** ele não é rasteiro não, vai só crescendo assim, na medida em que ele vai crescendo, se abrindo, ele vai crescendo aquelas folha vai saindo né?

E. - Como é que cê transforma isso em corda?

M. C. - A gente corta quando..., no tamanho certo pra cortá ele né? Aí você corta como a folha lá daí você divide ele em umas 5, 6, é... e tira, né? E você coloca ele no sol, não pode deixar ele junto, cê espalha ele no sol, ele vai murchar, quando ele tá murcho você recolhe e você é na mão, é tem gente que tem engenho que tinha um motor mas meu pai não tinha, então a gente fazia essa esse tipo de, essa corda mas era tudo manual, tudo na mão, aí duas, é duas lâmina, dois pedaços de ferro que corta, aí você coloca um pra baixo e um pra cima né, você não pode deixar duas lâmina, lâmina que corta tudo no mesmo sentido assim não tem que ser uma assim de... porque senão quando você vim com ela que bater com ela, ela vai corta a, que não pode entendeu? Aí fica uma uma parte que corta prum lado e a outra parte pra outra, aí você coloca monta lá no cal..., coloca uma pedra de, de 40, acho que 45 quilos de lado, dipendurado, não dá pra explica pra você como é feito isso, que é muito difícil, muito difícil. Sei que amarra pela corda no no, no pau, no ... **(na pedra?)** pega aquela pedra amarra bem amarrada com uma corda com essa... e dipindura assim de lado dessa, desse essa lâmina que eu to falando pra você, e vem com o pedaço da corda dipendurado, aí você coloca o pau, o pau ele não vai ficar firme no chão, ele fica assim um pouco levantado, aí você vai com o pé levantar aquela pedra, e quando, você faz assim, quando você baixa, quando você pisa assim no pau, que ele ta assim levantado, que você faz assim, aí a lâmina que ta acima que tá juntinha, ela vai levanta assim, quando ela levanta a gente coloca a aquela folha, aqui aí tira o pé do pau aí a pedra abaixa, aí ela fica junta aí você enrola e puxa. Aí os agave fica prum lado e aquela outra..., é muito trabalhoso eu num tem nem como eu explicar pra você...

E. - E isso demora muito tempo pra fazer isso tudo? Pra...

M. C. - Não porque eu falando assim pra você parece até difícil, né? Mas ali não é tão difícil, porque aí nos começo é ruim, mas aí quando você pega o jeito é rápido, durante um dia você, deixa eu ver, pode até assim uns 2, 3 fardo. Só que dá muito trabalho, fardo eu acho que você não entende, a gente conhece por isso né, porque depois dele pronto, ai você faz aquele um fardo de 100 quilos é normal pra você com ajuda de alguém transportar ele da roça pra cidade ou pra sua casa pra de lá transformar na corda, pra levar pra feira, é muito difícil não tem como eu explicar, se já for explicar pra você, você não vai me entender...

E. - Então um fardo é um amarrado?

M. C. - É um amarrado, depois daquele que fica só aquela é, aquela, aquele, aquele pelo branco, né? Depois de tudo sequinho, tem botar pra seca, ce tem bota ele pra murcha, depois dele murcho você fazer isso, depois de você ficar, que fica só assim aquele pelo branco, você tem botar ele pra secar, aí depois dele seco você faz aqueles fardo, pra você levar, transportar ele pra casa, no lombo, nos animais, no burro.

E. - Então você não fazia isso em casa?

M. C. - Não! É feito lá na roça, ele não pode ser feito em casa, porque uma..., ele fica muito pesado, né, não dá. A gente faz assim compra, meu pai comprava assim, chegava nas fazenda, aí ela comprava, via que tava em época de, dele ser trabalhado, aí meu pai vai e compra, aí lá mesmo, é feio lá mesmo, aí em casa é que é feito a corda, porque não tem como você transportar ele pra fazer em casa, e porque o bagaço que sai dele, quem vende então quer aquele bagaço que sai que é aquela... pra fazer, diz que é bom pra terra [- **Pra adubo?**] é, diz que é bom pra adubo. Então ele não pode ser feito em casa.

E. - E aí isso ficava pro fazendeiro?

M. C. - É eles vendia pra..., ficava, vendia e mas a gente tinha que, mesmo se a gente quisesse comprar e quisesse fazer em casa não dava porque é muito pesado, não tem como, entendeu? Tem que ser feito porque além de ser muito, é pesado...

E. - Aí seu pai comprava o, esse cisal, agave... [- **É agave**] na fazenda processava lá ...

M. C. - Isso na fazenda naqueles que tem é engenho, que é tem terreno, né? Tem muitos que tem só assim aquele pequeno terreno pra plantas assim capim ou criar um bichinho, aí meu pai ia e comprava.

E. - E quem trabalhava era então o seu pais e os filhos...

M. C. - É meu pai, minha mãe e os filhos, mais ninguém.

E. - Quantos filhos eram?

M. C. - 5, 5 filhos.

E. - Essa cidade aí que é a cidade que você nasceu, que é Queimadas?

M. C. - Não, esta cidade não é a cidade que eu nasci não, essa é aonde eu trabalhava.

E. - Que é Queimadas?

M. C. - Não!

E. - Me explica então...

M. C. - Eu vou ter que lhe explicar... olha, eu falei pra você que quando você perguntou a data do meu nascimento eu tinha que dar daonde eu fui registrada, mas na verdade eu não nasci, eu fui registrada nessa cidade, mas eu não nasci lá.

E. - Cê foi registrada depois?

M. C. - Muito depois. Eu fui registrada com uns 17, 16 anos. Eu tinha registro, eu não tinha nada. Foi nesta idade que foi que eu fui ter meu registro de nascimento.

E. - Por isso que você não tem certeza **[- É...]** do ano?

M. C. - É por isso que eu não tenho certeza.

E. - E a cidade, Queimadas é aonde se foi registrada?

M. C. - É, cidade onde eu fui registrada.

E. - Cê morou lá?

M. C. - Morei.

E. - Que período que cê morou lá?

M. C. - Você fala assim quanto tempo ou essa... **[- É que idade, quanto tempo...]**
A idade, eu tinha uns 16 a 17 anos, eu não posso nem informar a você direito porque eu não tenho certeza, mas se não era 16, com certeza 17 anos. Eu morei lá uns 2, 3 anos, por aí.

E. - Aí depois de lá cê foi...

M. C. - É pra Campina Grande... são meia horas, é perto, são meia horas de viagem de Queimadas pra Campina... **(fim de frase incompreensível)**.

E. - Mas você ficou em Campina muito tempo?

M. C. - Eu fiquei em Campina Grande uns, eu não posso nem dizer muito certo pra você mas eu acho que uns 15, 14 anos eu morei em Queimadas, em Campina.

E. - E lá em Campina Grande, cê trava... Em queimadas, Queimadas foi cidade também? **[- É, uma cidadezinha]** Nessas cidades você trabalha com o que?

M. C. - Eu trabalhava nisso mesmo de doméstica.

E. - Não era trabalho disso de cisa tal... **[- Não]** era só quando você era criança...

M. C. - Cisa era só quando eu era criança, da minha idade dos meus 6 anos aos meus 16, 17, trabalhei nisso né, na agricultura, no cisa, como eu já falei pra você... com tijolo, com telha. Cuidar dos animais, né? Dos gado, isso de cuidar você sabe o que é, né? **[NESTE MOMENTO A PRATO CHEGA EM CASA, MAS APENAS ACENA SEM INTERROMPER A GRAVAÇÃO]** É, é ir pra... roça, botar mato, comida né, bota água pra eles levarem pro pasto, recolher eles, essas coisas, acordar cedo pra ir pegar água. Isso eu sinto uma falta, aquela água

saudável, linda, maravilhosa, cristali..., ai meu Deus do céu, ai quando eu lembro, mas eu dia eu vou lá tomar daquela água.

E. - Você pegava na fonte?

M. C. - É numa fonte.

E. - Na cidade já foi trabalho de doméstica?

M. C. - Aí chegava na cidade aí fui trabalhar de doméstica, não tinha experiência nenhuma. Por que você é lá da roça acostumada só a trabalhar nessas coisas que eu falei pra você. Chega na cidade, tudo diferente, mas eu aprendi... a gente tem que se acostumar né, então...

E. - E de Campina Grande cê veio, foi pra onde?

M. C. - Vim pro Rio.

E. - Então seus filhos, essas coisas, nasceram em Campina Grande?

M. C. - É, meus filhos nasceram tudo em Campina Grande.

E. - O nome da cidade que você nasceu, você sabe?

M. C. - É Mata virgem.

E. - Mata virgem?

M. C. - É.

E. - E antes de você então morar em Campina, em Queimada, em vir pro Rio, lá era esse trabalho rural, né?

M. C. - Isso.

E. - E o que que você acha da sua vida lá? Porque você trabalhava desde os 6 anos...

M. C. - Desde de 6 anos, né? Eu não entendia muito bem porque o que eu queria mesmo era aprender a ler, não é? A escrever, e aí meu pai minha mãe nunca me mandaram pra escola, só trabalhava aqueles trabalho pesado, eu achava que aqueles trabalhos não era pra mim, pra minha idade esse ..., uma criança com 6, 5 anos ela quer estudar, ela quer brincar, quer ter contato com outras crianças e no meu caso eu não tive essa oportunidade, eu não sei o que é brincar, eu não soube o que foi estudar, só tinha contato mas infelizmente eu não podia, porque minha mãe, meu pai me levava pra roça, né? Não sei, não entendo o porquê, hoje é que eu vim..., eu era revoltada com meu pai, minha mãe, hoje eu não sou mais, eu acho que aquilo, era daquilo que a gente sobrevivia, porque se você não plantar, e

se você planta e não dá não tem como comer, cê como daquilo, na agricultura né, e aí não sei meu pai, não sei porque, acho que ele não tinha condições de pagar uma pessoa pra ajudar ele, e me levava eu não entendeu muito bem, não dá pra entender...

Ah, fiz muita farinha você conhece o que é mandioca, não? Fiz muito, era única coisa que eu gostava de fazer, e até hoje eu sinto saudade, sabe? Porque na casa de farinha que você se chegasse numa época, fazia a gente vai fazer farinha, aí nesse dia eu ficava feliz porque era na casa de farinha que a gente, eu tinha assim mais um pouco de... tinha uma casa de farinha que era grande, aí tinha outras crianças, aí tinha criança aí a gente brincava, mas trabalhando, entendeu? Era uma brincadeira, mas assim, trabalhando, raspando mandioca, é espremendo, aquela massa, mas ali a gente conversava e de brincadeira, e ouvia também muitas coisa, a gente ouvia cada, eu ficava olhando assim, eu rindo assim... aquelas coisas que aquelas mulheres falavam, meu Deus do céu, isso é bom. Disso eu tenho uma saudade meu Deus do céu, humm. Muito bom. **[Risos]** Hoje eu não sei, mas lá quando as pessoas fala assim, elas procura ajudar de qualquer maneira, sabe? É chega assim digo olha, porque lá a gente não chama pelo nome, é comadre e compadre, não existe isso de Maria, nem de Josefa, é comadre e compade, ô comadre mas meu menino tem tantos ano e não anda, ô comadre, e elas não assim, elas procura ajudar, quer dizer ensinando uma simpatia praquela mãe, entende? Eu não sei se eu chegasse assim e falasse assim pra uma pessoa aqui na cidade o meu filho tem 2, 3 anos e não anda, acho que ... então vai ter que ir no médico tá com algum problema...

LADO B

E. - Aqui você...

M. C. - Aqui se eu chegar assim e falar assim, ah o meu filho tá tem 2 anos e ele não anda ainda eu..., acho que eles responde assim, então você procura um médico seu filho tem algum problema, lá é diferente, lá se a gente chega e diz isso elas ensina simpatia, alguma coisa **[Risos]**, e elas faz entende? As comadre ensina pra outra e elas faz a simpatia

E. - E dá certo?

M. C. - Olha, eu não posso explicar o, né, não tem como explicar.

E. - Então você, hoje você não guarda mágoa dos seus pais?

M. C. - Não, hoje eu não tenho mágoa dos meus pais.

E. - Eles estão vivos ainda?

M. C. - Estão! O meu pai ele continua morando no mesmo lugar, e a minha mãe mora aqui no Rio acho que tem uns 22, 21 anos que a minha mãe mora aqui.

E. - Então cê acha que ostrabalhos eram muito pesados?

M. C. - Ah, muito pesados! Quando..., a última vez que eu fui lá, porque antes deu vim pra cá eu fui lá, continua no mesmo, um sofrimento só e aquilo me dói até a alma! Eu acho que lugar de criança é na escola, é brincar e na escola! E não naquela vida que aquela criança vive, trabalhando no pesado, de sol-a-sol então é isso [**TELEFONE TOCANDO**], chovendo então aí que é uma maravilha pra você ir pra roça.

[RÁPIDA INTERRUPTÃO NA GRAVAÇÃO PARA ATENDER O TELEFONE]

E. - Então faltava oportunidade de estudo?

M. C. - É, faltou, ainda falta, ainda tem pai... na minha época ainda tinha... a escola, não é escola é tipo assim, aqueles fazendeiro que tem assim um galpão, não sei se você conhece, a gente conhece por esse nome. Então ali eles improvisava a sala de aula, aquelas pessoa que sabia ler aí ensinava aquelas criança, quer dizer fica longe tem muitos que vai a pé tem outros que vai do, no... animais, mas mesmo assim os pais se interessava levar as crianças pra estudar, e muitos não levavam, hoje não. Hoje lá tá mais, tem grupo, os prefeito de lá faz em grupo, tem professor pra ensinar, mas muitos pais não leva, não bota a criança na escola. Eu acho que deveria mudar isso, né?

E. - Por que que você acha que alguns não levam?

M. C. - Falta de interesse, falta de..., aí como eu vou explicar isso, ele acha que o filho assim trabalhando junto com ele aprende, vai aprender melhor que tá na escola.

E. - E você acha que não?

M. C. - Ah, eu acho que não, com certeza! A criança ela tem..., como eu já falei várias vezes, a criança ela tem que estudar, tem que brincar e não trabalhar. acho que cada tempo tem seu tempo, né? Aí chega o tempo da gente brincar estudar, tem nosso tempo de trabalhar, de casar, ter filho, eu acho que cada tempo, não sei é meu jeito de pensar.

E. - Por isso que hoje você está correndo atrás né? [**- É**] Tá na escola...

M. C. - É to correndo atrás. Às vezes tem gente que me pergunta, me bota ao invés de me dar apoio porque eu to estudando depois de velha, não! Aí me pergunta assim, não sei pra que, não sei por que depois de velha estudar, aí eu respondo simplesmente eu respondo pra pessoa, eu não quero morrer burra, e eu não vou morrer burra, eu vou aprender!

E. - O que que é burro? Quem é que é burro? Quem...

M. C. - As pessoas que não sabe ler. Eu acho que a gente que não sabe ler é um cego, o humano que não sabe ler é uma pessoa cega assim, e é como eu me

sentia. Você, tudo você depende dos outros, tudo! Você sabendo ler não, e a gente que sabe ler é uma pessoa mais independente, eu pelo menos hoje sou mais feliz, eu me sinto uma pessoa mais independente porque... chego no mercado eu não pergunto mais as pessoas o nome, que nome é este. Se eu quero ir prum canto eu não pergunto mais é o nome do ônibus, nem número, pra onde que é que esse ônibus vai, que número é esse, quer dizer isso, essas pequenas coisas, eu vejo assim nas coisas o pouco que eu leio, nossa!

E. - Então você já teve muito problema por não saber ler?

M. C. - Já, já porque já até perdi oportunidade de trabalho, né? Porque trabalhar de acompanhante: não fiquei porque tinha que saber ler, e eu não sabia. A pessoa até que gostou do meu jeito quando conversou comigo, achou que eu era uma pessoa responsável mas ela falou que infelizmente não podia. Tinha quer ser uma pessoa...

E. - Por que precisa fazer...

M. C. - Porque acompanhante raramente toma medicamento, não é? Raramente a pessoa precisa de uma pessoa pra tomar conta do pai ou da mãe, aqueles velhinhos aí aquelas pessoas toma medicamento pra pressão, às vezes toma algum remédio controlado e a gente tem que saber ler para saber que vai dar, o horário tudo direitinho, a amanhã ou depois não ter, né? E eu não sabia. Trabalhar assim também de..., num hotel: assim, que vem gente de outros lugares e fica nesses hotéis, bom lá também só aceitava se soubesse ler, eu não sabia também perdi oportunidade por causa que eu não sabia ler, perdi essas oportunidade.

E. - Você acha que perdeu bons trabalhos?

M. C. - Não vou dizer bons, bons, mas bom, né?

E. - De repente você podia né...

M. C. - De repente podia trabalhar noutra coisa, né? Não só como acompanhante, ou no hotel mas poderia trabalhar noutras coisas, né?

E. - Bom, tem mais alguma coisa que você queira falar, que você não falou?

M. C. - Não, se tenho alguma coisa que eu não..., que eu gostaria de falar? Não tô lembrando.

E. - E como foi a entrevista? Foi boa? Fácil?

M. C. - Bom, eu pensei até que ir ser difícil, mas não foi...

E. - E o que que você acha de falar dessas questões? De trabalho... de tudo.

M. C. - Foi bom, né? Porque você..., bom conversar, se expressar, você fica..., tem coisa que você fica lembrando agora mesmo você fazendo, você tava conversando... eu falando pra você mas meu pensamento tava lá, entendeu? Meu pensamento tava lá na casa de farinha, meu pensamento tava **[Risos]** lá na roça, meu pensamento tava como se eu tivesse lá fazendo as coisas e conversando com você de lá é bom, né?

E. - Então tá, brigado.

M. C. - De nada.